

1-513.440 bytes <co-0>merge de dois files <co> 1 e 2 24-03-2005 9:43:23

- *ciencia ordinária*
- *mein kampf 96*
- *tese de noologia-*

MANIFESTO CONTRA A CIÊNCIA ORDINÁRIA

Os alicerces da ciência sagrada vão-se definindo à medida que a ciência sagrada se demarque da ciência ordinária. Daí esta perda de tempo com ruim defunto.

20/10/1996 - A designação «ciências sagradas» dada à Noologia seria, segundo algumas opiniões, dispensável.

Se é a ciência ordinária(CO) o que se pretende fundamentalmente substituir - sem táticas conciliatórias - com o estudo do sagrado, não deveria usar-se a palavra do «inimigo». Sabedoria, por exemplo, seria mais adequada. Com certeza que sim.

Pensam outros, porém, que é exactamente por isso, por ser uma palavra do inimigo, que a palavra ciência deve ser utilizada, designando o estudo das matérias ligadas ao sagrado, com intenção polémica e provocatória.

A Noologia demarca-se da ciência ordinária (CO) em vários aspectos fundamentais : um deles é um conjunto de princípios irredutíveis e sem os quais não há demarcação.

Eis 8 desses princípios:

- 1 - O sinal de igual entre 3 palavras: energia = memória= informação (este o princípio de mais vastas consequências e o que melhor demarca as ciências sagradas da CO)**
- 2 - A composição trinitária do ser humano: Corpo/ Alma/Espírito**
- 3 - A existência dos 7 corpos energéticos no ser Humano**
- 4 - As 9 camadas da Alma**
- 5 - A Alquimia a 3 níveis do ser trinitário : Alquimia do Corpo/Alquimia da Alma/ Alquimia do Espírito**
- 6 - As 4 forças da física moderna são as 4 energias primordiais ou filosófais da Criação**
- 7- A 5ª energia (ou força) será , provavelmente, a pedra filosofal**
- 8 - Os chacras são um reagrupamento possível dos centros energéticos no ser humano, havendo outros reagrupamentos possíveis :**
 - a) Os 12 receptores electromagnéticos (onde Yves Rocard, que os descobriu, detectou vestígios de magnetite)**
 - b) Os 12 meridianos de energia segundo a Acupunctura**
 - c) Os 5 elementos da MTC**

DEMARCAÇÃO E INDEPENDÊNCIA TOTAL DA CIÊNCIA SAGRADA

21/10/1996 A actual ciência de ponta , em que as teorias se sucedem umas às outras - termodinâmica , física quântica, teoria do caos, etc - dá a imagem da própria natureza da CO e do beco sem saída onde se meteu desde que existe.

Se é difícil à ciência reconhecer que está num «*cul de sac*», não seremos nós , inocentes seres humanos, suas vítimas passivas, que tem obrigação:

- a) de os ler
- b) de lhes ouvir e aturar os discursos ininteligíveis

- c) de lhes ouvir e aturar as teorias sucessivamente falhadas e substituídas
- d) de perder o nosso precioso tempo com os seus (deles) impasses e descaminhos.

E muito menos vamos admitir que a CO - falida e metida num buraco - seja quem irá decidir:

o que vale e não vale no âmbito das ciências sagradas

quem é quem e quem não é quem

o que se pode pensar, dizer, escrever e fazer no âmbito das ciências sagradas

CRIMES E ASNEIRAS DE UMA CIÊNCIA IMPLICAM TODA A CO

«Os fracassos da medicina não têm que ver com os sucessos da física, os fracassos da física não têm que ver com os sucessos da estatística ... e assim sucessivamente.»

Este - síndrome de Pilatos - é um sofisma da CO que os militantes da ciência sagrada não admitem.

Toda e qualquer burrada de uma ciência particular implica todas as outras. Apesar do plural, a CO é mesmo uma. Toda a ciência hoje é cúmplice da falência técnica da Medicina, por exemplo. Mais: toda a ciência é cúmplice das aplicações tecnológicas criminosas .

Pelo crime nuclear , é toda a ciência que responde e não só o responsável subalterno da central nuclear A, B ou X que decide ir pelos ares.

Até à sua total falência técnica , a CO nunca há-de resolver a contradição de base que a mina e com que nos tem contaminado a nós: explicar o Todo analisando as partes.

Outra contradição insolúvel - corolário da anterior - é o caminho irreversível da complicação em que a CO se meteu, quando o caminho lógico da sabedoria - e portanto das ciências sagradas - é o da simplificação .

Explicar, para a ciência sagrada, é simplificar

Explicar, para a CO, é complicar.

21/10/1996 - Escreve Prigogine : « Richard Feynman confessou um dia que ninguém «compreende» a teoria quântica. É caso único na história das ciências. Vamos dar alguns elementos que permitirão uma melhor compreensão.»

(Ilya Prigogine, in «*O Fim das Certezas*», Gradiva, 1996)

São estes luxos que nós, leitores, aturamos e pagamos . E se fossem todos, préquânticos, quânticos e pós quânticos, berda merda?

Ainda :

«Como resolver este paradoxo?» pergunta , pela milésima vez, Ilya Prigogine, como se o leitor fosse o culpado de a ciência deparar com mais um paradoxo.

A pergunta de Prigogine é a pergunta de todos os cientistas mais vezes repetida. É só paradoxos, por onde quer que se voltem.

Mas quem, senão a ciência, gerou esses paradoxos, sem nunca ter percebido que a sabedoria do *Tao Te king*, por exemplo, reside na sabedoria dos paradoxos.

Se não aguentam, demitam-se.

21/10/1996 - Com um desprezo próprio de quem anda com a barriga cheia, Ilya Prigogine fala assim deste «aparelho de medida que nos serve de intermediário com o mundo quântico» (palavras suas). Como devem ter reparado, o tal aparelho é...o ser humano.

E conta a seguinte história da Carochinha:

«Imaginemos um padre ou um medium a comunicar com um outro mundo: as mensagens que nos transmite, tanto quanto as compreendemos, têm para nós um sentido, mas seríamos incapazes de aceder às fontes que as engendraram no outro mundo.»

E voltando , reconciliado, às limitações da ciência e seus aparelhos, conclui tranquilo:

«Do mesmo modo, para Bohr, é preciso evitar a atribuição de um valor explicativo à função de onda, evitar a ideia que ela dá conta do mundo quântico. Ela não representa o outro mundo mas as nossas possibilidades de com ele comunicar.» (pg.50)

A forma desprendida como a CO trata o ser humano enquanto instrumento de medida das energias, assinala o seu receio de estar a tocar em área explosiva (perigosa).

De facto, a ciência sagrada - ao contrário das mil ciências profanas - sempre disse que o ser humano era o instrumento privilegiado de acesso ao mundo das energias, desde o micro ao macrocosmos.

Sempre disse que o ser humano era o aparelho de medida, detecção, informação e avaliação por excelência.

E se mais nada houvesse para demarcar, definitiva e radicalmente, a ciência sagrada da CO, este «pequeno pormenor» bastaria.

Se a CO tem apenas aparelhos para captar energias do espectro electromagnético, o ser humano é o aparelho capaz de detectar as do espectro e também além e aquém do espectro.

Depois da palavra «holístico», a palavra quântico é a mais maleável que apareceu no mercado das energias.

Liga-se, como adjectivo, a uma série de circunstâncias. Vamos à lista:

Área quântica

Ciência quântica

Cura Quântica

Diarreia quântica

Era quântica

Ideia quântica

Medicina quântica

Mundo quântico

Observação quântica

22/10/1996 - O simples *yin-yang* - 7 letrinhas apenas - consegue resolver mais problemas de saúde por minuto do que as 23 mil vocábulos da nomenclatura médica oficial alguma vez resolveram ou virão a resolver, em nome do rigor científico.

Alguma coisa está errada (e podre) neste reino da Dinamarca, num sistema e num discurso que perverte os próprios objectivos que diz propor-se.

O último refúgio da CO são as ciências exactas, pela simples razão de que nesse meio liofilizado e asséptico não há seres vivos, não há seres humanos, que são sempre, para a CO, o elemento perturbador por excelência e que é preciso descartar dos laboriosos laboratórios onde o rigor - dizem - é regra.

Onde a CO revela a sua estrutural perversão é, de facto, no âmbito das chamadas ciências humanas que, como se tem dito, melhor se chamariam ciências desumanas.

A CO no campo das ciências ditas humanas representa, com efeito, a quintessência da perversão, num século em que essa quintessência já fora conseguida por outras vias, nomeadamente o advento do virtual.

Entre os sinais de perversão mais característicos salienta-se este: a CO adopta, aparentemente, hipóteses e teses que a contestam para lhes dar a volta e colocá-las de novo ao serviço.

Um caso exemplar é a busca de um novo paradigma. Há um século, alguns sujeitos ligados à CO começaram a clamar que era necessário um novo paradigma de pensamento e comportamento, porque as coisas, segundo os padrões clássicos, iam de mal a pior e começavam a dar resultados pouco decentes: nomeadamente nas consequências da ciência e da tecnologia sobre o ambiente e sobre a própria integridade do Planeta Terra: tudo muito pouco consentâneo com a imagem de aparente dignidade que a dita comunidade científica

reclama para si mesma, como se mais ninguém sobre a terra fosse digno e honesto.

E não tardou que a insaciável voracidade da CO abocanhasse também a «revolução do paradigma» para a reaccionar.

Criticada por ser muito fechada, a CO dá-se ares de que vai «alargar», estendendo pontes através dos prefixos «inter» (disciplinaridades) e «trans» (disciplinaridades): não tardou que a globalização e alargamento da ciência se fizessem matéria de mais uma especialização. E quem diz especialização diz gíria secreta, colégio interno de iniciados onde ninguém penetra sem autorização de vários júris e exames, sem a benção de vários ritos de passagem.

Outro bom exemplo de recuperação é o da chamada e alegada Ecologia .

Quando a única tese da ecologia era que se tratava de mudar de civilização (modelo ou paradigma) e não mudar esta civilização, logo equipas muito diligentes de cientistas atarefados (sempre largamente subsidiados por multinacionais do petróleo, construtores de centrais nucleares ou de farmácia) se propuseram moderar a tese e fazer crer que, para a ecologia mesmo radical, se tratava apenas de fazer algumas alterações de cosmética neste modelo, neste paradigma, neste padrão civilizacional.

Reduzida a ecologia à sua caricatura - ordenamento do território, luta antipoluição, avaliação de impactos ambientais, etc - ou ao seu contrário - engenharia do Ambiente, engenharia genética, etc - a «*pax mundi*» foi outra vez estabelecida com a ciência por cima a comandar as operações, a fornicar-nos a paciência e a destruir o Planeta.

Há nomes distintos nessa operação de cosmética que a CO pratica sempre com a maior desenvoltura, nomeadamente Hubert Reeves , Joel de Rosnay, Edgar Morin e *tutti quanti*.

Uma vertente que ronda a hipocrisia é a daqueles cientistas com pendor democrático, sempre prontos a mostrar o papel da CO no desenvolvimento da democracia ocidental...

Depois de Bertrand Russell, eis que Karl Popper ganhou a sua popularidade à conta disso e, mais recentemente, Ilya Prigogine, no meio de esotéricas fórmulas de física pós quântica que só ele entende - lá solta uns ganidos elogiando os objectivos democráticos da nobre civilização greco-romana-ocidental-cristã.

Modelo de tirania policial, não há dúvida que a CO tem uma autoridade moral extraordinária para falar em liberdade e em democracia.

Quando chegam à democracia e inevitavelmente ao patrocínio do dr. Mário Soares, não há mais pachorra para estes mestres Gis da Universidade Moderna.

O que os enerva, num discurso como este manifesto, é que ele sopra - tal como o Espírito - como quer e onde quer.

Não se subordina a nenhum dos códigos de regras que através dos séculos os legisladores da inteligência têm arquitectado para defender as suas inexpugnáveis fortalezas.

É o meu direito à Asneira a ao Insulto que os assusta. Porque eles queriam esse direito só para eles.

23/10/1996 - Quando alguém designa por « ciências do maravilhoso» as ciências sagradas , está a valorizar uma característica dominante destas ciências: o seu lado mágico e fascinante.

Por contraste com as secas da CO, de facto, estas são as ciências do maravilhoso. O que as torna, por um lado, malditas e por outro lado apetecíveis - nomeadamente aos *media* que as exploram de maneira obviamente obscena.

Os da CO servem-se desse abastardamento a nível mediático para cantarem vitória e dizerem que as CS são o folclore dito ocultista de colecções, autores, fascículos, vídeos em profusão por bancas e livrarias.

Devolver à ciência sagrada o seu estatuto de única ciência e os seus pergaminhos de nobreza já não agrada tanto aos donos da CO.

1792 bytes <co-2> ciência ordinária

A LETRA & O ESPÍRITO

(Continuação)

Quando alguém designa por « ciências do maravilhoso» as ciências sagradas , está a valorizar uma característica dominante destas ciências: o seu lado mágico e fascinante.

Por contraste com as secas da CO, de facto, estas são as ciências do maravilhoso. O que as torna, por um lado, malditas e por outro lado apetecíveis - nomeadamente aos media que as exploram de maneira obviamente obscena.

Os da CO servem-se desse abastardamento a nível mediático para cantarem vitória e dizerem que as CS são o folclore dito ocultista de colecções, autores, fascículos, vídeos em profusão por bancas e livrarias.

Devolver à ciência sagrada o seu estatuto de única ciência e os seus pergaminhos de nobreza já não agrada tanto aos donos da CO. ■